



PROTESTANTISMO, POLÍTICA E FUNDAMENTALISMO: UMA CONVERSA COM SÉRGIO DUSILEK¹

Nataniel dos Santos Gomes²

Quando subiu ao palanque de Lula, no encontro do então candidato com os evangélicos, promovido no Clube Tamoio em São Gonçalo (RJ), em nove de setembro de 2022, Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek não tinha ideia da virada que aconteceria na sua vida. Seu discurso de cerca de quatro minutos foi editado e ele viralizou nas redes e nos whatsapp de evangélicos. Por conta disso, além de sofrer ameaça de morte, cancelamentos sem fim, notas de repúdio, teve que renunciar seu posto como Presidente da Convenção Batista Carioca.

Ao trazer e sugerir esta entrevista, objetivou-se registrar um momento inquisitorial dentro do movimento evangélico brasileiro o qual, de tão intenso, foi captado pela grande mídia e reproduzido em grande número de matérias, entrevistas, programas e “lives”. Se no ramo neopentecostal a chamada Teologia do Domínio encontrou sua maior força e expressão, o recrudescimento do fundamentalismo nas denominações históricas não deixou a desejar. Com o pacto de muitas lideranças em torno de Bolsonaro, uma implacável perseguição e violência ao pensamento desviante teve curso dentro das igrejas evangélicas no Brasil. Se existe uma cristofobia neste país, ela é promovida pelas próprias igrejas.

Esta entrevista é um convite para que diferentes disciplinas se debruçam sobre os acontecimentos nela mencionados e suas decorrências. Neste sentido, esta entrevista pode interessar a um historiador da religião, mas também a um cientista da religião; pode interessar a um teólogo, mas também a psicólogo; pode interessar a um acadêmico do Direito, como também a um antropólogo. As entradas e saídas que se apresentam diante da adesão religiosa, notadamente evangélica à Bolsonaro se mostram carentes de múltiplas e diferentes abordagens para dar conta desse estranho momento da História da Nova República no Brasil.

Sergio Ricardo Gonçalves Dusilek é pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG). Realiza também pesquisa Pós-Doutorado pelo PPG em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Doutor (2021) e Mestre (2015) em Ciência da Religião pela UFJF/MG, graduado em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário UNA (1994) e em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (1998 – convalidado em 2015), com pós-graduação em História da Filosofia pela Universidade Gama Filho (2000).

Na conversa a seguir, trataremos da relação entre igreja e política, fundamentalismo e violência, a relação da esquerda com os evangélicos e o futuro da igreja evangélica.

¹ Enviado em: 13.04.2024. Aceito em: 26.04.2024.

² E-mail: nataniel@uems.br.

COMO FOI QUE O SENHOR CHEGOU ÀQUELE PALANQUE EM SÃO GONÇALO NO ATO POLÍTICO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT) NAS VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES DE 2022?

Esse é um longo percurso que se abre para além dos acontecimentos daquela semana do evento com Lula. Na quarta-feira, dia 07/09, estive em um evento em Bangu promovido pela Convenção Batista Carioca. De certo modo idealizei este evento que tratava dos Princípios Batistas, como uma reação ao fundamentalismo que se alastrou por diferentes setores da Convenção Batista Brasileira (CBB).

Ao sair de lá, de carona com um pastor amigo e muito conhecido entre os batistas, ele comentou comigo que Lula estava por vir ao Rio nos dias seguintes para encontrar-se com os evangélicos. Eu que não sabia de nada, fiquei até curioso; todavia, nem ele sabia o dia...

No dia seguinte, na hora do almoço recebo o contato de uma querida amiga perguntando seu eu iria ao encontro. Eu perguntei de que encontro se tratava e ela se assustou por conta da minha ignorância sobre o evento. Era para ter sido avisado antes, disse ela. Fiquei de dar resposta no final do dia daquela quinta-feira, pois precisava falar com minha esposa.

Decidimos tarde da noite ir ao encontro em São Gonçalo. Eu que, até 2022, nunca tinha tirado foto para santinho de candidato, nunca tinha participado de churrasco de apoio a candidato, tampouco declarado voto publicamente antes do resultado da eleição, resolvi ser coerente com as minhas concessões naquele ano. Falo isso porque em junho uma vez convidado por uma pessoa que prezo, estive em um evento no qual o deputado Hélio Lopes (PL/RJ) receberia uma homenagem. Era para dar uma passada, mas me colocaram-na mesa, me deram a palavra inclusive apresentando-me como Presidente da Convenção Batista Carioca. Nem preciso dizer que minha palavra destoou de todos que falaram antes e depois de mim, motivo pelo qual (suspeito) não mais recebi convites.

Neste encontro revi um pastor que queria me levar até o governador do Rio de Janeiro. Já havia feito três recusas de encontro com Cláudio Castro, mas diante daquela circunstância, não havia mais o que ser feito. Em final de julho, fui a um café com outros líderes evangélicos no Palácio Guinle. Neste encontro somente o Governador falou. Talvez alguém tenha avisado para não dar a palavra...(risos).

MAS QUE ECLETISMO POLÍTICO, NÃO?

Pois é (risos). Não se tratava de predileção, mas, sim, de prerrogativa de função. Por esta razão procurei ser justo com os convites que vieram posteriormente, como o do café com o Governador e do encontro com Lula.

E O QUE ACONTECEU AO CHEGAR, DIGO, VOCÊ JÁ ESTAVA PROGRAMADO PARA FALAR?

Nós (eu e minha esposa) chegamos cerca de 40 minutos antes da hora de começar. Havia uma tensão no ar, alimentada por ameaças e pelo inconveniente aparecimento de um candidato bolsonarista que resultou em uma briga. Vencido este momento inicial, entramos no ginásio, o qual estava dividido em cores e por funções. Como minha esposa não é pastora, ela não podia assentar-se na parte da quadra (perto do palco) destinada aos clérigos, motivo pelo qual eu me reservei

sentar na metade para trás. Nisso um conhecido que estava na coordenação do programa saiu da coxia e sentou-se ao meu lado. Ali, naquele momento é que a conversa começou.



Foto 1

Sérgio Dusilek à esquerda no ato político às vésperas da eleição em 2021

DO QUE TRATAVA ESSA CONVERSA?

Ele me consultou se eu poderia ficar na plataforma com Lula e demais convidados (Alckmin, Freixo, Gleisi, Mercadante). Disse que sim, mas que seria mais justo ele estender este convite a um dos pastores que eram filiados ao partido. Ele assentiu, porém retomou: “se eu quiser você... você vai?”. Ao dar a resposta afirmativa, ele então me perguntou se eu poderia falar. Novamente argumentei que seria melhor honrar os colegas filiados, mas ele insistiu que fosse assim, que gostaria que eu falasse. Diante do meu novo assentimento, tanto eu quanto minha esposa, ganhamos novas pulseiras para chegarmos mais perto da plataforma, do palco.

VOCÊ ESTÁ QUERENDO DIZER QUE TEVE TRINTA MINUTOS PARA PREPARAR O QUE IRIA FALAR?

Menos: foram vinte minutos, os quais aproveitei para esboçar no celular alguns pontos que poderiam guiar minha fala.

O QUE REALMENTE O SENHOR FALOU DURANTE O ATO?

Minha fala teve cerca de quatro minutos. Como a participação foi franqueada a diferentes pessoas, as falas precisavam ser pontuais. Ao pegar a palavra dividi minha fala em 3 blocos. O

primeiro, reconhecendo que o período do Governo Lula 1 e 2 foi o melhor período para as igrejas evangélicas no país, uma vez que o povo nunca esteve tão bem. Não falava de perfeição, de ausência de falhas. Falava de uma melhora substancial nas condições de vida da população que, logicamente, se refletiu na vida das igrejas, inclusive com aumento do valor da prebenda pastoral. Causa-me espécie saber que o recorte sociorreligioso dos pastores, que foi grandemente beneficiado, ainda que por tabela no governo Lula, tenha se mobilizado tentando evitar seu terceiro mandato, inclusive com adesão às fake news. Usei uma figura comparativa: no tempo de Lula havia churrasquinho na laje; no tempo do presidente adversário, multiplicou-se a quantidade de pobres debaixo da laje. A vida humana se fragilizou; a carne humana, especialmente de pessoas pretas, experimentou grande indignidade.

Afirmei também o que sentia: esse país não aguentaria mais quatro anos com aquele tipo no governo e de governo. Quanto mais se os flertes para instalação de uma ditadura lograssem êxito. Na minha percepção, a ameaça que pairou sobre nós foi a implantação de uma dinastia neste país, o que pode ser visto, nos muitos memes que circularam no período em que apresentavam Bolsonaro com farda imperial.

Ainda neste primeiro bloco eu declarei meu apoio pessoal à candidatura Lula/Alckmin. Não fiz referência a qualquer instituição em minha fala de apoio, a qual, diga-se de passagem, foi a única expressão pública pró-candidatura que fiz em minha vida como eleitor.

O segundo bloco foi um reparo à injustiça histórica que o presidente Lula sofreu, diante do massacre promovido pelo lavajatismo. Nesta esteira, ele passou a ser novamente demonizado. Digo novamente porque vi (e me lembrei) da sórdida campanha que Lula sofreu na campanha de 1989 dentro do segmento evangélico. Ele foi tratado e retratado como demônio. Logicamente que naquela época, tais votos não eram decisivos. Todavia, o que me interessava ali era o reparo: Lula definitivamente não é um demônio.

Diante da injustiça sofrida afirmei que o Judiciário havia errado com o Presidente; e que a Igreja Evangélica deveria pedir perdão ao Presidente Lula, em virtude de sua demonização. Ora, qual evangelho tais lideranças e crentes estão lendo, que ensina a colocar demônio sobre os outros? O terceiro bloco foi caminhando para o final. Li o conhecido texto de Miqueias 6:8, como recomendação bíblica à chapa presidencial que ali estava.

HOUVE ALGUMA REAÇÃO IMEDIATA DE SUA FALA? QUAL FOI?

Ao longo dela, somente uma vez fui interrompido com aplausos, quando falei da Igreja pedir perdão a Lula. Finalizado o encontro, dois amigos que também estavam no evento me cumprimentaram rapidamente, sem qualquer efusividade, diga-se de passagem. Dirigi-me, então, para a saída, passando embaixo de toda imprensa que estava no mezanino, logo acima da cancela de entrada para o Ginásio do Clube Tamoio. Não houve um repórter sequer que tenha pego meu cartão, ou tenha vindo saber quem eu era. A minha impressão é que para todos que ali estavam, tudo seguiu a mais perfeita normalidade para aquele tipo de evento.

NOS DIAS QUE SUCEDERAM A SUA PARTICIPAÇÃO NO EVENTO, SURTIU UMA EDIÇÃO DO VÍDEO QUE VIRALIZOU NAS REDES SOCIAIS? ERA UMA EDIÇÃO TENDENCIOSA? O QUE ELA BUSCAVA COM O “RECORTE” FEITO?

Dias??! Foram horas depois, tudo muito rápido (risos). Ao sair do Ginásio do Clube Tamoio, fui ao velório da esposa de um pastor para dar um abraço nele, naquele momento tão difícil, após décadas de enlace matrimonial. Após esse afago pastoral, fui com minha esposa almoçar em um shopping do Rio. Chegamos em casa por volta das 15h30 daquela sexta, dia nove de setembro. Estava morto, pois praticamente não dormi na noite anterior. Deitei para um cochilo. Quando despertei por volta das 17h15, ao pegar meu celular vi que meu whatsapp estava ensandecido. Ali, naquele momento, eu soube que um tufão estava vindo em minha direção.

Ao começar a ver as mensagens, vi o vídeo editado contendo basicamente a fala sobre o pedido de perdão ao presidente, bem como a aplicação de *emoticon* e de uma legenda que dizia: “Presidente da Convenção Batista Carioca”, como se tivesse falado em nome da instituição. Na TV Lula, o vídeo seguia limpo, inteiro, sem legendas, *emoticons* e sem cortes, indicando, para mim, que a versão editada que viralizou, não tenha sido uma produção do PT.

O problema deste desonesto recorte é que ele tentava atrelar minha fala como sendo institucional, sendo que em nenhum momento eu citei qualquer instituição da qual participava na ocasião. O vídeo na TV Lula é muito esclarecedor neste ponto. Repito: se você olhar o vídeo, verá que em nenhum momento eu declino os termos “batista” ou “convenção”.



Foto 2

Sérgio Dusilek discursa no ato político no Clube Tamoio em São Gonçalo, em 2022.

O SENHOR RELATOU PARA ALGUNS VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO NA ÉPOCA UMA FORTE VIOLÊNCIA PESSOAL E INSTITUCIONAL SOFRIDA. O QUE ACONTECEU? O SENHOR RECEBEU AMEAÇAS?

Sim, esta é uma parte triste da minha experiência. Recebi ameaças declaradas e veladas; recebi xingamentos, palavras depreciativas, desonrosas; crentes, diáconos e pastores batistas, não pouparam nem as redes sociais da Igreja na qual sou um dos pastores. Como pode um crente atacar uma igreja de Jesus? Como pode um pastor, um diácono, colocar fake news nos comentários de uma igreja coirmã, isto é, da mesma convenção?

Fiquei praticamente quinze dias enfurnado em casa. Naquele momento entendi que deveria esperar o efeito viral passar. Minhas saídas, nesse período, quando se deram, foram pontuais e em horários incertos, aleatórios. Especialmente depois que vi Bolsonaro em um *podcast* comentando sobre a minha fala. O tempo vem mostrando que o receio não foi exagerado, já que perto do clã circulavam matadores de aluguel (vizinho no condomínio) e milicianos, alguns deles homenageados pela família nas casas legislativas. Contudo é preciso registrar que não recebi qualquer ameaça do clã ou de gente que se dizia ligado a ele.

A VIOLÊNCIA QUE O SENHOR CITA OCORREU ENTRE OS LÍDERES EVANGÉLICOS TAMBÉM? HOUVE UMA CAMPANHA DE “CANCELAMENTO” (ORGANIZAÇÃO DE BOICOTE VIRTUAL DE PESSOAS PERCEBIDAS COMO DESVIANTES DAQUILO QUE ESTÁ ESTABELECIDO POR UM DETERMINADO GRUPO)?

Principalmente entre eles. Fui demitido de um seminário pelo pastor da igreja falando no púlpito, sem direito a defesa, sem uma conversa prévia, uma comunicação. Boa parte dos ataques feitos nas redes sociais das Convenções Batistas, as quais optaram por não restringir os comentários em um evidente estímulo à carnificina virtual, foram efetuados por pastores e líderes.

A profusão de notas convencionais de repúdio contra mim, violando o regramento institucional dos batistas, me acusando de ter falado em nome dos batistas do Brasil, coisa que não fiz³ e que mesmo que tivesse feito, pelo cargo que ocupava, se circunscreveria em sua abrangência, somente aos batistas da cidade do Rio de Janeiro, são uma amostra disso. Algumas destas notas eu estampeei no capítulo do livro que co-organizei e que acabo de lançar: *A Noiva sob o Véu: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas Eleições de 2022*.⁴

Fui obrigado a renunciar à presidência da Convenção Batista Carioca pelo bem da organização. A pressão, as ofensas, e logicamente o cancelamento foi massivo. Pastores ameaçaram interromper minha aula em outro seminário na segunda-feira dia 12 de setembro de 2022, o que soube posteriormente. Ao me reunir com meus pares de diretoria para entregar a carta de renúncia, na manhã de 14 de setembro de 2022, fui tratado como leproso por quase todos os presentes.

Sou tido como herege por apoiar um candidato! Ora, qual heresia há em uma escolha política, em um voto? Quando o pastor da Michele Bolsonaro aqui no Rio disse que eu tinha ferido

³ Batistas. Disponível em: <https://sergiodusilek.wordpress.com/2022/11/05/dois-meses-depois/do-Brasil>. Acesso em: 27 de Mar. 2024.

⁴ DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; MARIA, Tayná Louise de. (Org.). *A Noiva sob o Véu: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas Eleições de 2022*. Rio de Janeiro: Menocchio Editora, 2024.

a ética do evangelho, eu repliquei: se você está falando do Evangelho de Jesus de Nazaré, não há qualquer mácula ou postura antiética da minha parte; agora, se você está falando do “evangelho” de outro messias, a saber, do Sr. Jair, aí eu preciso concordar contigo, pois deste outro evangelho eu rasguei todo seu ordenamento de valores!

A violência se estendeu a outras pessoas e amigos, os quais foram exonerados, perderam seus empregos, pela proximidade que tinham comigo, ou simplesmente pela defesa que fizeram em meu favor, sendo o caso mais simbólico o do pastor Edvar Gimenes que perdeu seu posto de diretor executivo da Convenção Batista de Pernambuco, entre outros fatores, por ter questionado, em documento (posteriormente publicado), a postura antirregimental da diretoria da Convenção Batista Brasileira (CBB).

Até onde tenho conhecimento, mesmo após a vitória de Lula em 2022, houve uma limpeza nos estamentos da CBB, expurgando todo líder identificado com a esquerda.

DO PONTO DE VISTA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA, EM TERMOS INSTITUCIONAIS, O QUE TUDO ISSO MOSTROU?

Eis uma importante questão. Há certas nuances que no frígido dos acontecimentos históricos acabam sendo olvidados. O fato é que o massacre institucional que sofri em um período tão curto, oriundo de uma estrutura que é por natureza emperrada, pois depende de reuniões de conselhos, de assembleias, para que haja pronunciamento da entidade, revelou uma costura para que a condenação a minha participação no palanque de Lula fosse exemplar e intimidatória.

Este padrão condenatório pode ser observado ao longo do mandato do derrotado. Toda ocasião que ensejou uma nota, ela foi produzida sem que houvesse maiores problemas. Teve muita gente falando pelos batistas, pela convenção; só que por ser a favor de Bolsonaro e/ou contra o PT, nunca houve reprimenda. Pelo contrário! Era possível ouvir as palmas aquiescendo.

Patenteou também o acordo estabelecido, ainda que em “*off*” para o candidato Bolsonaro, o que, no caso dos batistas se torna ainda mais grave, devido aos seus princípios e sua histórica defesa da liberdade de consciência e de expressão. Outrossim, a repercussão pelos corvos que voam ao redor de Silas Malafaia, evidenciou uma coisa que tenho falado desde então: Bolsonaro conseguiu, por mais paradoxal que pareça, ser mais efetivo ecumenicamente do que Jesus Cristo.

Outra difícil constatação é que toda esta violência mostrou que os evangélicos cresceram no Brasil como grupo sociorreligioso, mas o Evangelho de Jesus não registrou o mesmo alcance. As pessoas que frequentam as igrejas, fazem por consumo e não por serviço. Muitas delas seguem sem conhecer o texto bíblico, mesmo dedicando um bom período de suas semanas às reuniões eclesiais.



Foto 3

Dr. Nataniel dos Santos Gomes entrevistando o Dr. Sérgio Dusilek.

O SENHOR RECEBEU APOIO DE ALGUMA PARTE DA COMUNIDADE EVANGÉLICA? DE OUTROS GRUPOS RELIGIOSOS OU NÃO LIGADOS À RELIGIÃO? COMO SE DEU?

Recebi apoio de uma boa quantidade de líderes de diferentes grupos denominacionais que sempre se mantiveram do lado da Democracia. Pastores luteranos, batistas, presbiterianos, metodistas, congregacionais, e pentecostais manifestaram apoio com mensagens. Além desses, acadêmicos de diferentes partes do país se dignaram a mandar mensagens.

Recebi o carinho de amigos que se mostraram verdadeiros na hora da angústia, ao contrário dos que me abandonaram ou se envergonharam de mim. Não esqueço o carinho daqueles que promoveram um ato na ABI – Associação Brasileira de Imprensa, em apoio a mim e desagravo ao que estavam fazendo comigo.

Todavia, a parte mais marcante foi o cuidado “pastoral” que a presidente do PT, Deputada Gleisi Hoffman teve comigo. Na semana seguinte ao encontro, ela me ligou três vezes hipotecando solidariedade, procurando saber se precisava de alguma coisa, manifestando sua preocupação e solidariedade para comigo. Recebi também uma ligação do Presidente Lula, no sábado 17/09. Para mim, foi um baita contrassenso saber que, enquanto pastores batistas ligados a Ordem dos Pastores criavam notas e destilavam ódio nas redes, a liderança do PT se preocupava em cuidar de mim. Como disse, tive mais pastoreio da Presidente Gleisi do que dos colegas que estão em uma organização (Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – OPBB) cuja finalidade, entre outras, é apoiar e cuidar dos seus integrantes.

DEPOIS DE PASSAR POR TUDO, DE TER EXPERIMENTADO TODA ESSA VIOLÊNCIA, INCLUSIVE NA COMUNIDADE EVANGÉLICA, PARA O SENHOR, DE ONDE VEM TODA ESSA INTOLERÂNCIA E AGRESSÃO?

Na minha compreensão, essa intolerância e violência advém da violenta semente que há décadas é feita nas igrejas evangélicas brasileiras. As sementes do fundamentalismo, dos cânticos de guerra, da exacerbação do indivíduo pela Teologia da Prosperidade, a aliança com a Ditadura Civil-Militar e a normalização da Teologia do Domínio, petrificaram o acostamento do Caminho, endurecendo a terra de tal forma que a semente do Evangelho acabou por secar sobre estas e outras muitas pisaduras que marcam esse local de tanta proximidade, de ladeamento com a trilha do Nazareno.

Não houve observância cristã; não houve amor. Toda a violência sofrida foi o mais puro suco de enxofre. Aliado a isso está o conceito que as pessoas, pensando no evangélico médio, foram instadas a fazer ao longo dos anos sobre o pensamento de esquerda. Tratado como demonizante, como inconciliável com a mensagem cristã, a esquerda passou a ser vista como contrária ao Evangelho de Jesus, em muito incensada pelas fake news e pela promoção de vídeos com conteúdo sexual e de gênero. O ápice desse movimento foi a produção de memes sugerindo que Lula estaria possesso, e que Padre Kelmon (o da festa junina) seria seu exorcista.

Ora, quando um pastor diz que a (santa) Igreja precisa pedir perdão a alguém que as pessoas o têm como possesso, ou seja, a Igreja pedir perdão a um “demônio”, o resultado não é só estranhamento, mas repulsa e violência. Surgem os “Pedro” com a espada na mão, prontos para decepar orelhas e rachar crânios, em nome da defesa do Corpo de Cristo. Por isso o pastor precisa ser demonizado também, o que justificaria a violência contra ele.

Outro fator são os interesses impúblicáveis de certos grupos dentro da estrutura batista, contrariados com a minha eleição para a presidência da CBC (Convenção Batista Carioca) em outubro de 2021. Era preciso me tirar e o episódio do encontro com Lula foi a alegação na qual escalaram.

PARA FINALIZAR, O QUE O FUTURO RESERVA PARA A IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA? EXISTE ALGUM FUTURO PARA A MENSAGEM DO EVANGELHO DEPOIS DE TANTA CONTAMINAÇÃO, COM ELEMENTOS QUE A IGREJA ABOMINAVA NO PASSADO?

Posso passar minhas impressões a esse respeito. Neste sentido é preciso, por mais paradoxal que possa soar, separar a Igreja, o Movimento Evangélico Brasileiro do Evangelho do Nazareno. Infelizmente o Movimento Evangélico no Brasil estabeleceu uma relação inversamente proporcional com o Evangelho: como afirmei, parece que quanto mais o primeiro cresce, mais o segundo decresce.

Neste sentido, é bem provável que o Movimento Evangélico, em breve, alcance e ultrapasse a maioria da população deste país, o que pode ser considerado um feito espantoso (em todos os seus sentidos). Mas quantos estão conhecendo Jesus, vendo-o, na vida daqueles que seriam seus discípulos das igrejas evangélicas? O fato é que corremos um risco de termos aqui uma Gileade da obra *O Conto de Aia*, de Margareth Atwood,⁵ ou um evangelistão (como preferir).

⁵ ATWOOD, Eleonor Margareth. *O Conto de Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2017.

Se continuar este processo de fundamentalização da educação teológica; se continuar essa ingerência fundamentalista estadunidense; se continuar essa propagação que mistura uma pretensa teologia *Coach* com a nefasta Teologia do Domínio; se prosseguir a ênfase de leitura e pregação no Primeiro Testamento, esquecendo os Evangelhos e todo o Segundo Testamento, bom, caminharemos para o estabelecimento de uma igreja marcada pelo nacionalismo cristão e não pelo amor. Uma igreja que não tolerará a diversidade e cuja marca será a uniformidade de pensamento. Uma igreja intolerante com os seus e com os de fora, que negará a multiforme Graça de Deus. Uma igreja com cada vez menos espírito de serviço, pois que embevecida, embriagada com o poder. Além do mais, parece que as conversões se dão aos ministérios, ao movimento evangélico e não ao Evangelho. Impressiona o incremento dos testemunhos, das profissões de fé que dão conta de que a conversão se deu àquela comunidade de fé. Jesus Cristo nem é citado... Talvez seja necessário pregar o Evangelho aos evangélicos.

Quanto à esperança, penso que ela está no renovo, no grupo que se manteve fiel ao verdadeiro Messias. A esperança está no encontro (ou reencontro) de milhões de evangélicos com o Evangelho, o qual tem *per se* capacidade depuradora. O Evangelho de Jesus de Nazaré depura, filtra. É necessário que profetas repletos da *diakrisis*, do discernimento dos espíritos, sigam se levantando como Micaías fez diante de Acabe e Jeosafá, para distinguir o que não vem de Deus e apontar a direção que vem do Senhor. Como lembrava Martin Luther King Jr., “a Igreja deve ser a consciência do Estado”.

Será preciso também que se promova um diálogo entre Religião e Política, para evitar que siga o flerte entre Igreja e Estado. Nada tão estranho para a Igreja de Jesus quanto a discussão, disputa e vontade por ser o maioral, por ter poder. Por outro lado, nada tão próprio à Igreja do que ter o espírito, a docilidade, a espontaneidade, a alegria e a vontade de servir presente nas crianças. Talvez seja necessário mergulhar em uma Teologia da Criança visando resgatar a pureza e a leveza da relação com Deus.

REFERÊNCIAS

Batistas. Disponível em: <https://sergiodusilek.wordpress.com/2022/11/05/dois-meses-depois>. Acesso em: 27 de Mar. 2024.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; MARIA, Tayná Louise de. (Org.). *A Noiva sob o Véu: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas Eleições de 2022*. Rio de Janeiro: Menocchio Editora, 2024.

ATWOOD, Eleonor Margareth. *O Conto de Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2017.